

2008/03/28

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE III

José Vale Faria[1]

O Terrorismo “Tradicional”

Apesar das heterogeneidades entre as actividades terroristas, o “terrorismo tradicional” é sobretudo uma “ferramenta” para chamar a atenção para a causa, visando normalmente políticos, militares e elementos das forças e serviços de segurança, em conformidade com os seus objectivos políticos perfeitamente declarados e reivindicados. Esta praxis terrorista serve para forçar negociações, reivindicações territoriais ou políticas, assim como a libertação de companheiros seus e, nesta perspectiva, este tipo de terroristas só raramente se envolvem em matanças indiscriminadas, porquanto tal repugnaria a opinião pública e seria nefasto para a sua causa[2].

Como princípio de acção o terrorismo foi reivindicado, consoante as circunstâncias, por quase todas as famílias políticas, pelo que os equívocos do termo “terrorismo” são hoje geralmente reconhecidos. Ao longo dos tempos, o termo serviu ora para estigmatizar práticas tidas por absolutamente condenáveis, ora para designar acções que os seus actores legitimavam, da mesma maneira que era legitimada a “guerra justa”[3].



Convém salientar que o termo “terrorismo” é impreciso e polémico – basta olhar a lista das “organizações terroristas” divulgada pelo Departamento de Estado dos EUA[4] para perceber essa ambiguidade. Depois, se o definirmos como o uso do terror e da violência com objectivos políticos, não podemos deixar de reconhecer que a História mostra que em alguns momentos essa violência foi justificada e, que muitos que outrora foram apelidados de “terroristas” acabaram sendo homens de Estado respeitados – de Michael Collins da Irlanda aos líderes africanos e asiáticos anticoloniais, de Yasser Arafat a Nelson Mandela. Por outro lado, também é bom esclarecer que não existe apenas terrorismo de matriz jihadista: outros terrorismos estão em vigor, um pouco por todo o mundo não muçulmano – o da ETA em Espanha, o do IRA e o dos unionistas no Ulster que se fez sentir até ao início do processo de pacificação, com o Acordo de Belfast [5] (também conhecido por Acordo de Sexta-feira Santa), assinado em Belfast em 10 de Abril de 1998 pelos Governos Britânico e Irlandês e apoiado pela maioria dos partidos políticos da Irlanda do Norte, o das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia[6] (daqui em diante FARC) e dos paramilitares[7] na Colômbia, o dos Tigres Tamil no Sri Lanka, o dos maoístas no Nepal, o das renascidas “Brigadas Vermelhas” em Itália, o Sendero Luminoso[8] e o Movimento Revolucionário Tupac Amaru[9], que se manifestaram no Peru e os movimentos subversivos e terroristas na Índia, entre outros. E a história regista vários momentos em que um acto terrorista acabou por provocar uma alteração ou uma aceleração brusca no seu curso, como o assassinato do arquiduque Francisco Fernando, sucessor ao trono do Império Austro-Húngaro, em Sarajevo, que precipitou a I Grande Guerra[10].

É importante referir que destas organizações revolucionárias, a ETA, o IRA, as FARC, entre outras, trouxeram como inovações, três características principais: a divisão de tarefas, a transnacionalidade e a totalização dos meios.

Estas organizações possuíam[11]:

- Uma direcção política e grupos operacionais com tarefas distintas (IRA/Sinn Fein ou ETA/Herri Batasuna);
- Capacidade de movimentação internacional;
- Campos de treino para os seus operacionais e uma maior capacidade financeira que lhes proporcionou autonomia e grande capacidade de acção. É também significativa a colaboração entre organizações terroristas com objectivos comuns.

Na última década do século passado, encontramos um novo fenómeno. A associação do terrorismo ao crime organizado formou organizações muito poderosas e influentes, com capacidade para

decidir o destino político de vários países, como por exemplo, na Colômbia e no Peru, onde os terroristas possuem ligações estreitas aos cartéis da droga, conseguindo vantagens mútuas – os cartéis obtêm protecção para os seus negócios e os terroristas obtêm financiamento para a organização, denominando-se esta simbiose por narcoterrorismo[12].

5. O Terrorismo de “Novo Tipo”

Para a proliferação dos grupos islamistas, radicais e jihadistas, contribuíram alguns factos históricos, entre 1979 e 1989. Desde logo o Acordo de Paz de Camp David, celebrado em 1979, por Anwar Sadat e Menahem Begin, em representação, respectivamente, do Egipto e Israel, com o apoio dos Estados Unidos, que encerrou toda a esperança de um exército árabe poder derrotar, num futuro próximo, o Estado judaico, tendo sido interpretado por muitos, como uma desonrosa prova da ineficiência de um presidente e um regime laico, vendido aos Estados Unidos – facto que viria a motivar o assassinato de Sadat em 1981, por islamistas egípcios. Mas se 1979 foi um ano decisivo para o futuro da jihad, tal não se deve unicamente ao acordo de Camp David, mas, sobretudo, à revolução iraniana, consumada em Fevereiro, com a substituição da monarquia pró-ocidental do Xá Reza Palevi por um regime islâmico, liderado pelo ayatollah Khomeini, que reavivou as esperanças de islamistas de todo o mundo, em ajudar a difundir uma versão do xiismo verdadeiramente incendiária e, em Dezembro, a União Soviética invadiu o Afeganistão[13].

Em 1989 caiu o Muro de Berlim e, após uma década de resistência islâmica no Afeganistão, o presidente soviético Mikail Gorbachov ordenaria a retirada das suas forças, que seria interpretada pelos jihadistas, como uma vitória e a confirmação do apoio de Alá à sua causa. Pouco tempo depois os talibans tomaram o poder, estabeleceram um novo governo islâmico, regido pela sharia, e proporcionaram um santuário à maior rede terrorista da história – a Al-Qaeda[14]. Durante o ano de 1989, o mundo muçulmano, viveu outros acontecimentos favoráveis aos radicais jihadistas. No Sudão, houve um golpe de estado, protagonizado pelos militares, com a aprovação do líder islamista Hassan al-Turabi. Na Argélia foi criada a Frente Islâmica de Salvação[15] e o Hamas ganhava apoios na Palestina, intensificando em simultâneo, as suas acções de força contra Israel. Por último, em Agosto de 1990, o Kuwait foi invadido pelo exército iraquiano. Passados poucos meses, os Estados Unidos, escandalizariam os muçulmanos radicais de todo o mundo, ao deslocar forças militares para território saudita e iniciar a primeira guerra do Golfo. Conjugado com estes factos históricos, motivadores e aglutinadores da Umma (comunidade de crentes), é importante salientar que o islamismo cresceu, pouco a pouco, durante os anos sessenta do século XX, com maior celeridade a partir dos setenta e em progressão geométrica durante os anos oitenta e a primeira metade dos noventa, sendo a única religião monoteísta que continua a conquistar crentes diariamente[16].

Perante esta perspectiva do sistema político internacional e com o fim da jihad anti-soviética afegã, a internacionalização da Al-Qaeda foi facilitada. A retirada soviética possibilitou, deslocar muitos operacionais, árabes e asiáticos, impregnados do ideário jihadista, para outras zonas de conflito onde estavam envolvidos islamistas - Caxemira, Chechénia, Mindanau, Somália, Malásia, Indonésia, Argélia, Egipto, entre outros[17]. Em 23 de Fevereiro de 1998, Bin Laden anunciou a primeira «declaração de guerra contra os cruzados e os judeus», com três etapas distintas. Num primeiro tempo o objectivo era claramente religioso: expulsar os infiéis (todos os não muçulmanos) dos recintos sagrados de Meca e Medina, na Arábia Saudita. Purificados os lugares santos, a Al-Qaeda lançar-se-ia depois na tarefa de expulsar os americanos, há décadas a explorarem os poços de petróleo do Médio Oriente. Só em terceiro lugar estava prevista a conquista e conversão ao Islão do mundo ocidental. Por consideramos esta declaração um facto importantíssimo para o movimento jihadista mundial, pois é a génese da Frente Islâmica Mundial, transcreve-se o seu texto[18] na íntegra:

Esta declaração, da recém-criada «FRENTE MUNDIAL ISLÂMICA», anuncia uma jihad contra Judeus e cruzados. Tem quatro signatários, talvez em resposta a críticas de que Bin Laden não dispunha das qualificações religiosas necessárias para interpretar o Alcorão e emitir opiniões jurídicas que fizessem autoridade (fatwa). Entre eles, contam-se o egípcio Ayman al-Zawahiri, que tem sido o colaborador mais próximo de Bin Laden desde o assassinio de Abdallah Azzam, em 1989, e que é considerado amiúde o principal estratega da jihad mundial Abu Yasir Rifai Ahmad Taha, um representante do al-Gamaa al-Islamiyya (Grupo Islâmico Egípcio); o xeque Mir Hamzah, secretário-geral do Jamiat e ulema, do Paquistão, e Maulana Fazlur Rahman, actual líder da oposição na Assembleia Nacional do Paquistão, que viria a organizar a conferência de Abril de 2001, na qual Bin Laden pronunciou a Declaração 8, apresentada mais à frente. A presente declaração condena as políticas norte-americanas no Médio Oriente como «uma proclamação clara de guerra contra Deus, o Seu Enviado e os muçulmanos», e defende que os exegetas religiosos, ao longo da História, estiveram de acordo quanto ao facto de a jihad se tornar um dever individual quando o inimigo ataca países muçulmanos. O Iraque, em especial tornou-se o alvo de uma agressão cada vez mais intensa. A declaração alerta já para a «ânsia [americana] de destruir o Iraque, o mais forte dos

Estados vizinhos» e para os esforços norte-americanos para enfraquecer todos os outros países da região. Segue-se uma fatwa, citando sete passagens do Alcorão em apoio da obrigação de travar uma jihad contra os Americanos, militares e civis, até abandonarem as terras da umma.

Xeque Osama bin Muhammad bin Laden

Ayman al-Zawahiri, emir do Grupo da Jihad no Egipto

Abu-Yasir Rifai Ahmad Taha, do Grupo Islâmico Egípcio

Xeque Mir Hamzah, secretário do Jamiat-ul-Ulema-e-Pakistan

Maulana Fazlur Rahman, emir do Movimento da Jihad no Bangladesh

Louvado seja Deus, que revelou o Livro, que controla as nuvens, que derrotou o facciosismo e que diz no Seu Livro: «Terminados que sejam os meses sagrados, matai os idólatras onde os encontrardes. Apanhai-os! Preparai-lhes todas as espécies de emboscadas.» As orações e a paz estejam com o nosso Profeta Muhammad bin Abdallah, que disse: «Fui enviado com uma espada nas minhas mãos para que só o verdadeiro Deus seja adorado, Deus que colocou a minha subsistência sob a sombra da minha lança e que condena aqueles que desobedecem às minhas ordens de servidão e humilhação».

Desde que Deus fez a península Arábica plana, criou nela o deserto e a rodeou de mares, esta nunca sofreu uma calamidade como estas hordas de cruzados que se espalharam por ela como gafanhotos, consumindo a sua riqueza e destruindo a sua fertilidade. Tudo isto numa época em que as nações uniram forças contra os muçulmanos, como se estivessem a lutar por uma malga de comida. Quando a questão é tão grave como isto e o apoio é escasso, temos de analisar os acontecimentos actuais e acordar, colectivamente, a melhor forma de resolver o problema. Neste momento, já não existe a menor controvérsia em relação a três factos bem conhecidos e comumente aceites que já não exigem provas suplementares, mas referi-los-emos uma vez mais, para que as pessoas se lembrem deles.

São os seguintes: Em primeiro lugar, há mais de sete anos que a América ocupou as partes mais sagradas das terras islâmicas, a península Arábica, pilhando a sua riqueza, impondo ditames aos seus dirigentes, humilhando o seu povo, aterrorizando os seus vizinhos e transformando as suas bases no local numa ponta de lança para combater os povos muçulmanos vizinhos.

Alguns podem ter contestado, antes, a realidade desta ocupação, mas, neste momento, todos os povos da península Arábica já a reconheceram. Não existe prova mais clara do que a agressão excessiva da América contra o povo do Iraque, usando a península como base. É verdade que todos os seus líderes repudiaram uma tal utilização das suas terras, mas estão impotentes.

Em segundo, apesar da grande devastação infligida ao povo iraquiano às mãos da aliança de Judeus e cruzados, e apesar do número terrível de mortos – mais de um milhão – apesar de tudo isto, os Americanos estão a tentar repetir, uma vez mais, esses massacres horrendos, como se não estivessem satisfeitos com o longo período de sanções após a guerra cruel, ou com toda a fragmentação e destruição. Hoje, estão prestes a aniquilar o que resta do seu povo e humilhar os seus vizinhos muçulmanos.

Em terceiro lugar, embora estas guerras tenham sido travadas pelos Americanos por motivos religiosos e económicos, também servem os interesses do mesquinho Estado judaico, afastando as atenções da sua ocupação de Jerusalém e do assassinio dos muçulmanos que aí é levado a cabo.

Não há melhor prova disto do que a ânsia de destruir o Iraque, o mais forte dos Estados árabes vizinhos, e os seus esforços para fragmentarem todos os Estados da região, como o Iraque, a Arábia Saudita, o Egipto e o Sudão, transformando-os em mini-Estados de papel cuja fraqueza e falta de unidade garantirão a sobrevivência de Israel e a perpetuação da ocupação brutal da península pelos cruzados.

Todos estes crimes e pecados americanos são uma clara proclamação de guerra contra Deus, o seu Enviado, e os muçulmanos. Ao longo de toda a história islâmica, os exegetas religiosos estiveram de acordo quanto ao facto de a jihad ser um dever individual quando um inimigo ataca países muçulmanos. Isto foi dito pelo imã Ibn Qudama em «O Recurso», pelo imã al-Kisa'i em «As Maravilhas», por al-Qurtubi na sua exegese e pelo xeque do Islão quando afirma, nas suas crónicas, que «quanto a combater para repelir o inimigo, que é a forma mais vigorosa de defender a liberdade e a religião, há acordo quanto ao facto de ser um dever. Depois da fé, não existe maior dever do que

combater um inimigo que está a corromper a religião e o mundo».

Com base nisto, e de acordo com a vontade de Deus, proclamamos a todos os muçulmanos a seguinte sentença:

Matar os americanos e os seus aliados – civis e militares – é um dever individual que recai sobre todos os muçulmanos em todos os países, para libertar a Mesquita de al-Aqsa e a Sagrada Mesquita das suas garras, de modo que os seus exércitos deixem todo o território do Islão, derrotados, desfeitos e incapazes de ameaçar qualquer muçulmano. Isto está de acordo com as palavras de Deus Todo-Poderoso: «Matai-os até que a perseguição não exista e esteja no seu lugar a religião de Deus»; «Combatei-os até que não exista tentação e seja a religião toda de Deus!»; «o que acontece convosco que não combateis na senda de Deus e pelos homens fracos, as mulheres e as crianças que dizem: 'Senhor nosso! Tira-nos deste povo, cujas gentes são injustas! Dá-nos um chefe designado por Ti! Dá-nos um defensor designado por Ti!».

Com a autorização de Deus exortamos todos aqueles que acreditam em Deus e querem ser recompensados a que cumpram a Sua vontade de matar os americanos e tomar o seu dinheiro, onde e quando os encontrarem. Exortamos também os exegetas religiosos, os seus líderes, os seus jovens e os seus soldados a lançarem a investida contra os soldados de Satanás, os americanos, e todos os apoiantes do demónio que estejam aliados com eles, para os expulsarem atrás deles de modo que não se esqueçam.

Deus Todo-Poderoso disse: «Ó vos que credes! Respondei a Deus e ao Seu Enviado quando este vos chama, para o que vos fará viver eternamente! Sabei que Deus se interpõe entre o homem e o seu coração e que junto d'Ele sereis reunidos.»

Deus Todo-Poderoso: «Ó vós que credes! Que vos acontece quando se vos diz 'Competi na senda de Deus', e vós permanecéis cravados na terra? Preferis a vida mundana à outra vida? O gozo desta vida é escasso em comparação com o da outra. Se não competirdes na senda de Deus, ele vos atormentará com um tormento doloroso e substituir-vos-á por outras gentes, sem que o possais prejudicar em nada, pois Deus é poderoso sobre todas as coisas.»

Deus Todo-Poderoso disse também: «Não desfaleçais nem vos ponhais tristes, pois vós sois os superiores, se sois crentes.»

Deste modo, o início do século XXI apresenta mudanças no quadro geopolítico global e, logo após os atentados de 11 de Setembro de 2001, o terrorismo passou a ocupar o centro das atenções da política de segurança de vários países[19] e, segundo o General Loureiro dos Santos, começou a idade imperial[20].

O terrorismo hodierno, de matriz jihadista salafista, caracteriza-se pela sua letalidade, globalidade e espectacularidade, mas, essencialmente, pelo seu grau de sofisticação em termos de acção, organização e pelo seu carácter difuso. É imprevisível, apocalíptico e visa a sua auto-propaganda, tendo atingido uma escala de dimensões estratégicas nunca dantes atingida, por três razões principais.

A primeira porque perdeu importância a tática de terrorismo selectivo, pelo qual se visava aniquilar uma determinada individualidade, cujo desaparecimento pela violência interessava a quem a promovia, para ser dada preferência à adopção do terrorismo indiscriminado, com a finalidade de provocar o maior pânico possível, através de grande número de mortes.

A segunda relaciona-se com a disponibilidade de novas tecnologias, cuja capacidade de potenciar os efeitos de morte e de medo se alarga a níveis surpreendentes. O uso das modernas técnicas de comunicação permite a organização de atentados terroristas sofisticados e o aparecimento de um novo tipo de terrorismo – o terrorismo ciberespacial – capaz de paralisar sistemas complexos de apoio de vida característicos das sociedades desenvolvidas, como sistemas de energia, de distribuição e tratamento de águas, esgotos, etc., podendo provocar insegurança, medo, doenças e mesmo epidemias. A realização de sabotagens ou atentados com meios de transporte de massas modernos pode originar enormes desastres, com efeitos catastróficos. A utilização de armas de destruição maciça, nucleares, biológicas, químicas e radiológicas, cuja proliferação não se tem conseguido travar, se usada para efectuar atentados terroristas, faz subir o terror ao armagedão.

A terceira diz respeito ao ambiente mediático dos dias de hoje, que permite levar ao conhecimento da aldeia global e em tempo real, o “espectáculo” do terror, tornando próximo o atentado distante e, exponenciando os efeitos de terror por ele provocados.

A cobertura mediática concedida ao terrorismo funciona como oxigénio que o alimenta[21].

Raphael Israeli, um especialista em terrorismo, forjou recentemente uma expressão para definir as operações suicidas ou de martírio, características deste tipo de terrorismo, designando-as por Islamikaze [22].

6. A Ameaça do “Terrorismo Jihadista ”

Ao longo das últimas décadas o terrorismo passou a dominar a agenda internacional, com os atentados perpetrados por entidades palestinianas, contra os interesses e personalidades judaicas, em todo o mundo, a partir dos anos 60 do século XX e, fundamentalmente, após o 11 de Setembro de 2001. A erupção fulminante do denominado “terrorismo de novo tipo”, “hiperterrorismo” ou “terrorismo pós-moderno” - em virtude da inovação das suas táticas e estratégias -, fundamenta-se numa ideologia radical e fundamentalista que se manifesta através do jihadismo salafista, em que o inimigo não tem rosto, a ameaça é desterritorializada, o armamento desmilitarizado e o uso da força privatizado, ou seja a guerra-rede, como lhe chamou Manuel Castells[23].

Actualmente, um objectivo primordial do terrorismo, será a aniquilação dos valores da democracia, de acordo com a teoria da jihad global, desenvolvida pelo seu teórico mais fanático e um dos mais respeitados e venerados do islamismo radical, Sayyid Quttub, considerado o verdadeiro pai do violento jihadismo internacional. Ao seu ódio desenfreado contra os governos «filosocialistas e ímpios», juntava uma aversão sem limites contra os Estados Unidos, país onde viveu entre 1948 e 1950 e aprendeu a odiar o Ocidente. Para Quttub, as grandes ameaças para o Islão, são o Ocidente e a democracia, chegando a afirmar que o estilo de vida americano, e por extensão, o do mundo ocidental, constituíam o maior risco a que o islão estaria submetido no futuro. Quttub considerava os Estados Unidos a mais perfeita encarnação do mal, pelo seu sentimento de igualdade, democracia, tolerância religiosa e, sobretudo, a permissividade, que para ele constituía a armadilha mais perigosa para um bom muçulmano[24].

As causas que motivam os actos terroristas podem ser multifacetadas: expulsão de estrangeiros, mudanças políticas, acção de retaliação e vingança, projecção local ou global, construção de uma imagem de poder, preservação do território, motivos religiosos, entre outras. Sem dúvida que os princípios da sociedade democrática, quando efectivamente estruturados, apresentam poucas probabilidades de sofrer abalos com a acção terrorista, contudo, as jovens democracias estão sujeitas a retrocessos. Os ataques aos países muçulmanos que começaram o processo de democratização, como a Turquia e a Indonésia, demonstram a incompatibilidade entre grupos radicais que recorrem a acções terroristas e, o regime de liberdade e respeito pelos direitos humanos[25].

Contudo e, em pleno século XXI, o terrorismo tem vindo a alastrar à escala mundial, revelando a incapacidade das sociedades para o combater – facto dramaticamente constatado a 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos da América, a 11 de Março de 2004, em Madrid, em Londres, a 7 e 21 de Julho de 2005 e, mais recentemente, em Argel a 11 de Abril e 11 de Dezembro de 2007, entre outros factos.

O recurso à acção terrorista é vulgarmente apontado como espécie de criminalidade ideológica representando, ao mesmo tempo, um eminente vector de guerra psicológica. Nestes termos, o terrorismo traduz um refinado método de violência política orientada, geralmente dirigida contra objectivos civis. Além do mais, a História comprova que os alvos do terrorismo, nem sempre são escolhidos, mediante uma lógica indutiva, ou em função de esquemas de causalidade linear. A violência é na maioria das vezes aleatória e indiscriminada. Ao longo da última década tornou-se evidente que muitos grupos terroristas são menos motivados por objectivos políticos concretos e mais por fanatismos étnicos, apocalípticos e religiosos. Daqui resultam algumas características deste “terrorismo de novo tipo”, como refere Luís Leitão Tomé, que fazem dele uma ameaça particularmente perigosa[26].

«Em primeiro lugar, para estes terroristas todos os meios são justificáveis em função dos seus fins, incluindo o sacrifício da sua própria vida e a de milhares de inocentes civis. O que significa que, grupos como a Al-Qaeda, em vez de um avião de carreira comercial carregado de passageiros e de combustível utilizado como míssil incendiário, se puderem lançar mão de armas químicas, biológicas ou nucleares, ou se puderem visar centrais nucleares, barragens e redes de abastecimento públicas, não hesitarão em utilizar estes meios para provocar o maior número possível de danos materiais e de vítimas humanas.

Segundo, contra este tipo de terroristas não há praticamente poder de dissuasão, uma vez que estes indivíduos procuram “oferecer” a sua vida como arma[27], em nome da “causa” e na expectativa de serem recompensados pela autoridade divina depois da morte terrena.

Terceiro, este tipo de terrorismo goza de assimetrias importantes. Por um lado, na luta contra o

terrorismo, os que jogam à defesa têm de proteger, no mundo inteiro, todos os seus pontos vulneráveis; o terrorista só tem de escolher e atacar os alvos mais fracos ou uma acção mais surpreendente. Por outro, os custos de uma acção terrorista são infinitamente mais baixos que os custos necessários à defesa de um ataque desse tipo: para paralisar um aeroporto, ao terrorista basta-lhe uma espingarda automática AK-47; a defesa desse aeroporto custa muitos milhões de euros ou dólares. Os ataques de 11 de Setembro terão custado provavelmente menos de dois milhões de dólares, mas geraram perdas e custos de mais de 100.000 milhões de dólares.

Em quarto lugar, os terroristas jihadistas salafistas, demonstram saber tirar partido de todos os elementos produzidos pela própria civilização do progresso que consideram tão condenável. É irónico, sem dúvida, mas as possibilidades da mundialização, sobretudo em termos de transportes e comunicações, permitem-lhes aceder mais facilmente a armas de destruição maciça, disseminar a sua rede de contactos e apoios, diversificar e tornar muito mais complexa a sua rede de financiamentos e, acima de tudo, tornar-se num inimigo mais “difuso” e mais “invisível”. A Al-Qaeda, a este respeito, mostrou estar perfeitamente adaptada à era da mundialização.

Quinto, estes terroristas sabem como tirar vantagem das vulnerabilidades inerentes a regimes democráticos, com sociedades abertas e multiétnicas e com liberdades e garantias individuais que normalmente não existem nos regimes onde encontram acolhimento.

Em sexto lugar, o sentimento de insegurança provocado pelo “terrorismo de novo tipo” é aumentado pela consciência de que os meios e as capacidades tradicionais de defesa e de combate, essencialmente militares, não são adequados e revelam-se muito pouco eficazes para lhe fazer face. Em suma, o terrorismo é um inimigo que, sendo cobarde e quase “invisível”, permite aos fracos atacar os fortes, mas vitimando aqueles que são ainda mais fracos. A sua execução é relativamente barata, mas diabolicamente difícil de combater. E não há perigo maior do que enfrentar alguém, cuja racionalidade considera legítimos, todos os meios em função dos seus fins, dispondo-se a todo o tipo de sacrifícios»[28].

7. A Agenda da al-Qaeda até 2020

O jihadismo radical e salafista vive o sonho da restauração do Califado Islâmico. O General Loureiro dos Santos, no seu livro “O Império debaixo de Fogo – Reflexões sobre Estratégia V” transcreve uma tradução sobre “O futuro do terrorismo – o que a Al-Qaeda realmente quer”, publicado na Spiegel online a 12 de Agosto de 2005. Os objectivos estratégicos (intermédios) descritos em sete fases prevêem o estabelecimento final do califado em 2020[29].

“A primeira fase, conhecida como “o despertar”, já foi percorrida, e durou de 2000 a 2003, mais precisamente, dos ataques terroristas de Setembro de 2001 em Nova Iorque e Washington, à queda de Bagdade em 2003. A finalidade dos atentados de 11 de Setembro foi provocar os Estados Unidos a entrarem em guerra no mundo islâmico, e então, provocar o despertar dos muçulmanos. “Segundo os estrategistas e ideólogos da Al-Qaeda, a primeira fase teve imenso sucesso”, escreve Hussein. “Aberto o teatro de operações, os americanos e os seus aliados tornaram-se num objectivo próximo e fácil”. Também se afirma que a rede terrorista está satisfeita pelo facto de a sua mensagem estar a ser ouvida por todo o lado.

A segunda fase, “abrindo os olhos” é, de acordo com a definição de Hussein, o período em que nos encontramos, que durará até 2006. Diz Hussein que os terroristas esperam que a conspiração ocidental fique ciente da “comunidade islâmica”. Hussein acredita que esta é a fase durante a qual a Al-Qaeda pretende que a organização evolua para movimento. A rede está a investir no recrutamento de jovens, ao longo deste período. O Iraque deverá tornar-se no centro de todas as operações globais, criando aí um “exército” e estabelecendo bases noutros Estados árabes.

A terceira fase é descrita como “progredindo e consolidando”, e deverá durar de 2007 a 2010. “O foco será a Síria”, profetisa Fuad Hussein (jornalista jordano, considerado um especialista sobre a Al-Qaeda) com base no que as suas fontes lhe disseram. Os quadros combatentes já estão supostamente preparados e alguns encontram-se no Iraque. São previstos atentados na Turquia e, com maior intensidade em Israel. Os mentores da Al-Qaeda aguardam que os ataques em Israel os ajudem a que o grupo terrorista venha a ser uma organização conhecida. O autor também crê que os países vizinhos do Iraque, como a Jordânia, ficaram em perigo.

A quarta fase, entre 2010 e 2013, será a altura, segundo Hussein, em que a Al-Qaeda conseguirá o colapso dos odiados governos árabes. A estimativa é que, neste período, “a humilhante perda de poder dos regimes conduzirá ao aumento da força da Al-Qaeda”. Ao mesmo tempo, devem ser desferidos ataques contra os produtores de petróleo e atingida a economia norte-americana, usando o ciberterrorismo.

A quinta fase será o período durante o qual pode ser declarado o Estado Islâmico, ou Califado. O plano é que, por esta altura, entre 2013 e 2016, a influência ocidental no mundo islâmico seja tão reduzida e Israel tenha enfraquecido de tal modo, que a resistência não é de temer. A Al-Qaeda espera que, nesta fase, esteja com capacidade de estar prestes a estabelecer uma nova ordem internacional.

A sexta fase, para Hussein, ocorrerá de 2016 em diante, e no seu decurso haverá um período de “confrontação total”. Logo que o califado tenha sido declarado, o “exército islâmico” instigará a “luta entre os crentes e os não crentes”, que tem sido frequentemente prevista por Osama Bin Laden.

A sétima fase, como etapa final de todo o processo, é descrita como “vitória definitiva”. Hussein escreve que, aos olhos dos terroristas, uma vez que o resto do mundo se encontrará tão enfraquecido, por acção dos “mil e quinhentos milhões de muçulmanos”, o califado prevalecerá, indubitavelmente. Esta fase deverá estar completa até 2020, embora a guerra não deva durar mais do que dois anos.”

É na realidade da ‘ideologia manifesta’, que se expressa a ameaça para o ocidente. É naquilo que Jason Burke define como a terceira fase da Al-Qaeda, “a metodologia, a máxima, o preceito, a norma, a maneira de ver o fim. O núcleo desagregou-se, a ‘rede das redes’ rompeu-se. Hoje, para ser membro da Al-Qaeda basta afirmá-lo”. Porque pertencer à Al-Qaeda “significa não pertencer a nenhum território e não reconhecer a autoridade de nenhuma lei criada pelo homem”. Na prática significa que a estrutura superior deixou de ter capacidade de comando e controlo sobre a organização. Se algo existe em termos de direcção está “a exercer-se à distância, através de éditos religiosos gerais e da propagação de uma doutrina de ódio e violência, embora usufruindo da celeridade da internet e do telemóvel.” A Al-Qaeda passou a uma lógica de ‘holding’, actuando os seus elementos de base numa lógica de ‘procuração’ ou de ‘franchising’[30].

A grande vitória de Bin Laden, acidental ou não, foi a forma como a mensagem se espalhou. Esta nova Al-Qaeda não necessita de uma estrutura de comando centralizada, ela gere-se por si. De tal forma que o terrorismo de matriz islâmica, jihadista salafista, passou a ser um fenómeno endógeno do ocidente. É na exclusão social e na inadaptação gradual dos costumes ocidentais que o terrorismo islâmico tem recrutado os seus mártires. Na mesquita ou na madrassa, na prisão, o futuro mártir encontra compreensão e apoio, um sentido de vida e um sentimento de pertença grupal. É no grupo que o futuro mártir se vai sentir valorizado, vai aprender a defender os valores transmitidos de pertença, reagir com indignação e contra-atacar quando se sente ameaçado. Deste modo, na sua lógica e na lógica do grupo, as suas acções são plenamente justificadas. É nas franjas “radicalizadas das comunidades muçulmanas” do ocidente que a Al-Qaeda se alimenta, e a dúvida reside em saber se neste “cavalo de Tróia de milhões de muçulmanos a viver no ocidente, poderá vir a minar este mesmo ocidente a partir do seu interior. Osama Bin Laden lançou a semente[31].

Olivier Guitta[32] publicou recentemente um artigo, referindo que a Europa enfrenta actualmente uma tripla ameaça, protagonizada pela Al-Qaeda para o Magrebe Islâmico, a “Al-Qaeda no Paquistão” e vagamente por grupos associados da Al-Qaeda ou “jihadistas solitários”. Salaria ainda que a probabilidade de haver um ataque terrorista, bem sucedido, em solo europeu em 2008, permanece bastante elevada[33]. José Manuel Anes, professor universitário e vice-presidente do Observatório de Segurança, Crime Organizado e Terrorismo, referiu em Lisboa, durante uma conferência sobre terrorismo, realizada na Sociedade Histórica da Independência de Portugal, na qual foi orador, que as organizações terroristas estão cada vez mais implantadas na Península Ibérica e no Norte de África, apresentando duas realidades distintas de riscos terroristas, uma localizada na Catalunha, em Espanha, e a outra na Argélia e em Marrocos, o que deve ser factor de preocupação para o nosso país[34].

9. Os Dez Príncipios do Terror

Para finalizar, enunciam-se os Princípios do Terror[35] apresentados por Andrew Sinclair e que ilustram superiormente a evolução deste fenómeno através dos tempos.

O terror é a guerra por métodos extremistas. Os Romanos, Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino tentaram estabelecer a distinção entre guerras justas com regras, e combates contra marginais sem restrições. S. Tomás de Aquino adiantou três necessidades para travar uma guerra justa: a autoridade do príncipe, um ataque só àqueles que o mereciam e a convicção dos atacantes de que fariam o bem e evitariam o mal. Nestes conflitos entre poderes soberanos, o Cristianismo exigia um tratamento justo dos inimigos. Mas numa guerra ilegítima ou de guerrilha, todas as atrocidades eram permitidas. Até aos julgamentos dos funcionários nazis em Nuremberga, os crimes de guerra não eram puníveis pela lei internacional. Os militares norte-americanos também consideraram que

os prisioneiros da Al-Qaeda eram «combatentes ilegais» e que, como tal, mereciam todos os maus-tratos possíveis.

O terror é o sangue que alimenta a tirania. Ao não resistirmos aos políticos terroristas na fase inicial, permitimos que os Hitlers, os Hirohitos, os Estalines, os Maos e os Pol Pots deste mundo matassem muitas dezenas de milhões de pessoas, muitas vezes os seus próprios compatriotas. Se o avanço dos nazis tivesse sido impedido na Renânia ou o Anschluss na Áustria, ou os Japoneses tivessem sido demovidos depois do Saque de Nanquim, quantas vidas se teriam salvo? Seja qual for o custo, a tática do terror tem de ser combatida diariamente; de outro modo, pode tornar-se uma máquina de assassínio em série de um Estado ou grupo pouco recomendável da era tecnológica.

O terror é a arma do marginalizado contra o opressor. Enquanto houver miséria e repressão no mundo, o criminoso célebre será apelativo, mesmo com a sua crueldade. O herói de milhões de explorados do Nordeste do Brasil nos anos 30 da depressão, o capitão Lampião, era um patife que torturava mulheres idosas e dizimava tanto trabalhadores rurais como polícias, ao mesmo tempo que impunha uma moral sexual rigorosa que envolvia a castração de homens sedutores. Financiou o seu grupo através de raptos e de assaltos a bancos. O medo era a sua arma principal, embora parecesse ser um libertador aos olhos da maioria explorada pelos proprietários rurais, que a amedrontavam. Lampião inspirou amor e baladas, assim como o nobre António Silvino e outros barões depredadores do sertão:

Asua amada era o punhal,

O seu dom era a espingarda...

Deixou os ricos a pedir,

Os bravos caíam-lhe aos pés,

Enquanto outros fugiam da terra.

O terror é o assassínio a baixo preço. Uma chave de parafusos em segunda mão, que custou dez centavos, matou Elisabeth, a imperatriz da Áustria, vítima de um assassino. Calcula-se que o desvio dos três aviões a jacto que provocaram as tragédias do World Trade Center e do Pentágono tenha custado 100 dólares por cada um dos piratas do ar envolvidos. No país do consumismo, nunca tantos sofreram tanto com tão pouco dinheiro gasto por tão poucos.

O terror é a chicotada nas costas do refugiado. Desde as marchas forçadas dos arménios, passando pelos tártaros da Crimeia enviados para a Sibéria para morrerem com a poluição nuclear até aos habitantes de Phnom Penh, desde a fuga provocada dos gregos da Turquia, dos árabes da Palestina e dos hutus do Ruanda, a crueldade, ou o medo dela, obrigou dezenas de milhões de pessoas a refugiar-se em acampamentos improvisados durante o século XX, muitos dos quais sem esperança de regressarem à sua terra natal.

O terror é a vitória da minoria por métodos inconfessáveis. Dos jacobinos aos bolcheviques, dos fascistas aos membros do Partido Ba'ath, as conspirações revolucionárias conseguiram, por vezes, vencer em grandes nações. Os conspiradores vitoriosos sempre usaram a atrocidade e a dissuasão em doses calculadas, para não afastar as multidões antes que estas fossem controladas por uma viciosa polícia secreta, ao serviço do novo Estado.

O terror é a derrota da multidão pela cobardia. Até os tiranos vitoriosos como Mussolini e Hitler ficaram espantados com a ausência de resistência dos seus povos. Eles desprezavam a multidão apática. À semelhança de Lenine, eles acreditavam que o proletariado precisava de uma ditadura. Apesar de todas as sociedades terem reconhecido, como Pascal, que «a justiça sem a força é um mito», de um modo geral os povos do mundo não conseguiram depor a tempo os seus governantes que recorreram ao uso excessivo da força.

Se estivermos aterrados, podemos vir a ser terríveis para aqueles que nos metem medo. Na Segunda Guerra Mundial, as democracias ocidentais derrotaram as potências fascistas com a sua tecnologia superior, mas não com a sua moralidade. Mesmo assim, a moral das tropas foi alimentada pela odiosa brutalidade nazi. Desde as revoltas camponesas da Idade Média até à Guerra Peninsular contra os exércitos de Napoleão e aos movimentos de guerrilha modernos como o de Cuba, assim que a opressão se tornou insuportável, até a população assustada começou a ripostar e acabou por provocar a queda do governo.

O terror mede-se pela escala das suas vítimas, e não pelo mérito da sua causa. A tecnologia

moderna tornou-nos capazes de matar à escala das dezenas de milhões em vez das dezenas de milhares. Só o número invulgar de baixas no coração do país fez que os Estados Unidos desencadeassem uma guerra no Afeganistão e lançassem a primeira campanha internacional contra o terrorismo. Como decidi-mos continuar a produzir máquinas e produtos químicos de destruição maciça, tanto nucleares como biológicos, e como não consegui-mos controlar a sua proliferação, o preço de nos livrarmos do terror continuará a ser a vigilância constante.

Tolerar o terrorismo não é uma virtude. O lugar-comum de que o terrorista de hoje é um combatente da liberdade de amanhã não tem qualquer mérito. As causas perdidas, como a luta terrorista por um Curdistão independente ou por uma pátria basca, implicam o assassinio sem qualquer esperança de vitória. Outros grupos rebeldes resistentes, como o Exército Republicano Irlandês, matam e estropiam centenas de pessoas e só conseguem chegar ao cemitério, mas nunca a uma Irlanda unida, que só se alcançará através da diplomacia. O terror acompanhar-nos-á sempre, porque existirá sempre um fosso injusto entre os países ricos e os países pobres. A mão ávida da globalização sufocará as pequenas economias famintas. Contudo, hoje não há guerras justas para travar. Como muito bem disse o primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, «não há bom terrorismo nem mau terrorismo. Há apenas terrorismo». O problema está em opormo-nos a ele, mas sem o usarmos.

Bibliografia:

- ANDRADE, John, Acção Directa – Dicionário de Terrorismo e Activismo Político, Lisboa, Hugin, Fevereiro de 1999.
- CHALIAND, Gérard e Blin, Arnaud (dir.), Histoire du Terrorisme – De l'Antiquité à Al Qaida, Bayard, Paris, Março de 2004.
- Couto, Abel Cabral, Elementos de estratégia: apontamentos para um curso, Vol. I, Lisboa, Instituto de Altos Estudos Militares, 1989.
- De Arístegui, Gustavo, La Yihad en España – la obsesión por reconquistar Al-Andalus, Madrid, La Esfera de los Libros, 2005.
- DUARTE, Felipe Pathé, No Crepúsculo da Razão, Lisboa, Edição Prefácio, 2007.
- Ferreira, Pedro Antunes, O Novo Terrorismo, Lisboa, Prefácio, 2006.
- FRANCK, Claude e Herszkowicz, Michel, O Sionismo, Mem Martins, Publicações Europa-América, colecção saber, n.º 147.
- Labin, Suzanne, A Violência Política, Porto, Lello & Irmão Editores, Abril de 1981.
- Lewis, Bernard, A Crise do Islão – Guerra Santa e Terror Ímpio, Lisboa, Relógio D'Água, Janeiro de 2006.
- LOPES, Margarida Santos, Dicionário do Islão, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Fevereiro de 2002.
- MARTINS, Manuel Gonçalves, Relações e Desafios Internacionais na Era da Globalização, Sintra, edição de autor, 2003,
- NEVES, Oscar e Zander, Filipe, (dir.); «Terror Internacional - reféns, sequestros e bombas nos anos 70», in Guerra na Paz (com base em War in Peace, Orbis Publishing Co. Londres), Vol. 4, Rio de Janeiro, Brasil, Editora Rio Gráfica Lda., 1984.
- ROGEIRO, Nuno, Guerra em Paz – A Defesa Nacional na Nova Desordem Mundial, Lisboa, Hugin, Outubro de 2002.
- SANTOS, Loureiro dos, Reflexões sobre Estratégia – Temas de Segurança e Defesa, Lisboa, Publicações Europa-América, Março de 2000.
- SANTOS, Loureiro dos, Segurança e Defesa na Viragem do Milénio – Reflexões sobre Estratégia II, Lisboa, Publicações Europa-América, Setembro de 2001.
- SANTOS, Loureiro dos, A Idade Imperial – A Nova Era – Reflexões sobre Estratégia III, 2ª edição, Lisboa, Publicações Europa-América, Fevereiro de 2003.

SANTOS, Loureiro dos, *Convulsões – Ano III da «Guerra ao Terrorismo» Reflexões sobre Estratégia IV*, Lisboa, Publicações Europa-América, Abril de 2004.

SILVA, Manuel da, *Terrorismo e Guerrilha – Das Origens à Al-Qaeda*, Lisboa, Edições Sílabo, 1ª edição, 2005.

SINCLAIR, Andrew, *Anatomia do Terror – uma história do terrorismo*, Lisboa, Temas e Debates, Fevereiro de 2005.

SOUSA, Fernando de, (dir.), *Dicionário de Relações Internacionais*, Porto, Edições Afrontamento/CEPESE, Junho de 2005.

TOMÉ, Luís Leitão, *Novo Recorte Geopolítico Mundial*, Lisboa, Edição UAL, 2004.

TOWNSHEND, Charles, *O Terrorismo*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 1ª edição, Maio de 2006.

Monografias:

CORREIA, Natalino, *Tese de Licenciatura em Ciências Policiais/PSP: O Papel das Forças e Serviços de Segurança Portugueses face ao Terrorismo Internacional*.

Jornais e Revistas:

DUJISIN, Zoltán, *Expresso*, Lisboa, 1º Caderno – Internacional, edição de 19/01/2008.

FÉLIX, Carla Sofia, *Breve incursão histórica, social e psicológica sobre o terrorismo*, «Nação e Defesa»: Lisboa, Instituto de Defesa Nacional, ISSN 0870-757X, 2ª série, n.º 109, Outono - Inverno de 2004.

FERREIRA, João José Brandão, *O terrorismo à luz da História*, in *Expresso*, Lisboa, edição de 31/07/2004.

JANUS 2003 – anuário de relações exteriores, Lisboa, Observatório de Relações Exteriores da UAL, Público, Novembro, 2002, acessível em

<http://www.janusonline.pt/dossiers/dossiers.html>.

JANUS 2005 – anuário de relações exteriores, Lisboa, Observatório de Relações Exteriores da UAL, Público, Dezembro, 2004, acessível em <http://www.janusonline.pt/dossiers/dossiers.html>.

VEGA, Elena de la, *Guerrilheiras e Maquilhagem*, Lisboa, revista Sábado, n.º 197, edição de 07/02/2008.

Internet:

http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/JC06Ak01.html

<http://counterterrorismblog.org/mt/pings.cgi/4978>

<http://www.defesa.ufj.br/tfs/terrorismo.pdf>

<http://www.instituteforcounterterrorism.org/>

<http://www.intelligence.org.il>

<http://www.janusonline.pt/dossiers/dossiers.html>

<http://www.jornaldefesa.com.pt/>

<http://www.psicologia.org.br/internacional/terr.html>

<http://www.terrorism.com>

<http://www.un.org>

http://www.unicamp.br/ifch/romano/razão_terrorista.pdf

<http://www.state.gov/s/ct/rls/fs/37191.html>

[1] Major de Infantaria, da Guarda Nacional Republicana. Licenciado em História.

[2] Tomé, Luís Leitão, *Novo Recorte Geopolítico Mundial*, Lisboa, Edição UAL, 2004, pág. 176.

[3] Para mais informação sobre a “guerra justa” cfr. Brodbeck, Rafael Vitola, «Da guerra justa», in *Jus Navigandi*, 05/2006, acessível em <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8402>, consultado em 21/03/2008.

[4] Para mais informação Cfr. <http://www.state.gov/s/ct/rls/fs/37191.htm>.

[5] O Acordo de Belfast (também conhecido por Acordo de Sexta-feira Santa) foi assinado em Belfast em 10 de Abril de 1998 pelos Governos Britânico e Irlandês e apoiado pela maioria dos partidos políticos da Irlanda do Norte. Foi também apoiado pela maioria dos votantes tanto na Irlanda do Norte como na República da Irlanda chamados a pronunciar-se em referendos separados, em Maio de 1998. O acordo tinha por finalidade acabar com os conflitos entre católicos e protestantes e o referendo foi votado favoravelmente por larga maioria tanto na República da Irlanda como na Irlanda do Norte. Cfr. Belfast Agreement, acessível em

<http://cain.ulst.ac.uk/events/peace/docs/agreement.htm>. Cfr. Rodrigues, Pedro Caldeira, IRA escolhe via pacífica ao fim de 35 anos de luta armada, in *Público*, Lisboa, edição de 29/07/2005.

[6] As FARC foram criadas em 1964, pelo partido Comunista, como organização de autodefesa dos camponeses contra os grupos paramilitares. Com um força semi-regular de mais de 7.000 elementos, são consideradas a mais antiga, forte e bem equipada das guerrilhas da América Latina, in Martins, Manuel Gonçalves, op. cit., pág. 505. «(...) As FARC arrecadam centenas de milhões de dólares por ano com as suas actividades criminosas, que incluem roubo e contrabando de automóveis, extracção ilegal de minérios, produção e tráfico de drogas, extorsão e rapto. Cobram ainda um Imposto de Paz, ao abrigo da sua lei 002, a todos aqueles que tenham mais de 1 milhão de dólares – se não pagarem, são presos até liquidarem o imposto, tal com faria qualquer governo. (...) Quase metade dos membros das FARC são mulheres e o seu número tem vindo a aumentar. (...)», in Vega, Elena de la, *Guerrilheiras e Maquilhagem*, Lisboa, revista Sábado, n.º 197, edição de 07/02/2008, pág. 84.

[7] Na década de 90 do século passado, o Estado Colombiano tolerou a formação de grupos paramilitares de extrema-direita que arrebataram várias regiões à guerrilha marxista, substituindo-se ao próprio Estado na aplicação da lei, e criando uma economia baseada na extorsão e nos negócios ilícitos. In Dujisin, Zoltán, *Expresso*, Lisboa, 1º Caderno – Internacional, edição de 19/01/2008, pág. 36.

[8] Grupo fundado nos anos 60 do século passado, no Perú, por Abimael Gusman (professor universitário) de formação marxista-maoista, e uma das organizações mais violentas da sociedade internacional. Nos anos 80 do século XX, pôs a ferro e fogo a zona andina do país, num conflito que provocou milhares de vítimas. A prisão do líder em Setembro de 2002 e de outros líderes em 1995, prestigiaram extraordinariamente o Presidente Fujimori, continuando o movimento, actualmente activo, sobretudo nas zonas rurais. In Martins, Manuel Gonçalves, op. cit., pág. 504.

[9] Movimento de orientação marxista-leninista, foi fundado em 1983 e dedica-se sobretudo a acções de guerrilha urbana (atentados, emboscadas, raptos e assassinatos de agentes das forças de segurança. Tornou-se famoso com o assalto e a ocupação da Embaixada Japonesa em Lima (Dezembro de 1996 a Abril de 1997). In Martins, Manuel Gonçalves, op. cit., pág. 504. Para mais informação acerca do assalto à embaixada do Japão, cfr. Vários, Lima: Notícia de um Sequestro, Lisboa, revista Visão, n.º 197, edição de 26/12/1996 a 01/01/1997, pp. 50 a 58.

[10] Tomé, Luís Leitão, O 11 de Setembro e o terrorismo de novo tipo, in *Janus* 2003, anuário de relações exteriores, Lisboa, Observatório de Relações Exteriores da UAL, Público, Novembro, 2002, acessível em <http://www.janusonline.pt/dossiers/dossiers.html>.

[11] Ferreira, Pedro Antunes, op. cit., Lisboa, Prefácio, 2006, pp. 36.

[12] Ferreira, Pedro Antunes, op cit.

[13] Ibañes, Luís de la Corte, e Jordán, Javier, *La Yihad Terrorista*, Madrid, Editorial Síntesis S.A., 2007, pp. 76 a 78.

[14] Cfr. Gunaratna, Rohan, *No Interior da Al-Qaeda – rede global do terror*, Lisboa, Relógio D'Água, Outubro, 2004.

[15] Para mais informação consultar Faria, José Augusto do Vale, Nova era jihadista no Magrebe, in revista da GNR «Pela Lei e Pela Grei», n.º 75, Julho-Setembro e n.º 76, Outubro-Dezembro, de 2007. Está acessível on-line, no sítio do *Jornal de Defesa e Relações Internacionais*,

<http://www.jornaldefesa.com.pt/>.

[16] O Islão não avança, galopa. Em 1973, havia 500 milhões de crentes e o número ascende agora a 1,2 milhões de crentes. A demografia pelo fulgor da sua explosão, torna-se por sua vez um sinal religioso que convence os indecisos a juntarem-se à Umma. Esta comunidade reparte-se entre as falhas geográficas, as rupturas económicas e os tribalismos. Ela é europeia, americana, africana, asiática, burguesa, revolucionária. É cidadina e camponesa, nómada e sedentária. Defende a jihad e é pacifista. Martiriza e é mártir. É dominante e exilada, global e fragmentada. A Umma é todo o planeta. Cfr. Gozlan, Martine, O Fascínio do Islão, Mem Martins, Publicações Europa-América, Maio de 2007, pp. 18 e 19.

[17] Cfr. Gunaratna, Rohan, op. cit., pp. 72 a 74 e 120 a 126.

[18] Lawrence, Bruce, Coordenação de, Mensagens de Osama Bin Laden ao Mundo, 1ª edição, Temas & Debates, Setembro de 2006, pp. 71 a 75.

[19] Félix, Carla Sofia, op.cit, pp. 159-160.

[20] Santos, José Loureiro dos, op. cit., pág. 85.

[21] Ferreira, João José Brandão, op. cit..

[22] Chaliand, Gérard et Blin, Arnaud (dir.), op. cit., pág. 401.

[23] Teixeira, Nuno Severiano, Guerra-rede, in Diário de Notícias, Lisboa, edição de 26/11/2003, acessível em <http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=9&ida=54>, consultado em 19/03/2008.

[24] De Aristegui, Gustavo, La Yihad en España – la obsesión por reconquistar Al-Andalus Madrid, La Esfera de los Libros, 2005, pág.80.

[25] Félix, Carla Sofia, op. cit., pág. 160.

[26] Tomé, Luís Leitão, op. cit., pp.177-186.

[27] Para mais informação, Cfr. Reuter, Christoph, A Minha Vida é uma Arma – uma história moderna dos bombistas suicidas, Lisboa, 1ª edição, Antígona, Outubro de 2005.

[28] Tomé, Luís Leitão, op. cit, pp.177-186.

[29] Leal, Luís Sousa, Terrorismo, in Jornal de Defesa e Relações Internacionais, edição on-line de 15/01/2007, acessível em http://www.jornaldefesa.com.pt/opiniao_v.asp?id=388.

[30] Idem, ibidem.

[31] Idem, ibidem.

[32] Consultor de contra-terrorismo e relações internacionais. Membro da Foundation for the Defense of Democracies e fundador do jornal electrónico O Croissant (<http://www.thecroissant.com/>).

[33] Cfr. Guitta, Olivier, Europe Under Al Qaeda's Triple Threat, acessível on-line em

<http://counterterrorismblog.org/mt/pings.cgi/4978>, e Guitta, Olivier, Europe Alert to Triple Terror Threat, acessível em http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/JC06Ak01.html, consultados em 12/03/2008.

[34] Varela, Carlos, Terrorismo deve preocupar o nosso país, in Jornal de Notícias, Porto, edição de 11/03/2008, acessível em http://jn.sapo.pt/2008/03/11/nacional/terrorismo_deve_preocupar_o_nosso_pa.html, consultado em 12/03/2008.

[35] Sinclair, Andrew, in “Anatomia do Terror” – uma história do terrorismo, Lisboa, Temas e Debates, Fevereiro de 2005.

94 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/07/27

O TERRORISMO JIHADISTA NA EUROPA: ALGUMAS TENDÊNCIAS SOBRE RADICALIZAÇÃO E RECRUTAMENTO[1]

Francisco Jorge Gonçalves[2]

2012/01/26

THE VIRTUES OF DEBATING DEFENCE POLICY

Tiago Fernandes Mauricio[1]

2011/11/07

OS DESAFIOS ACTUAIS ÀS INFORMAÇÕES MILITARES

Rui Vieira[1]

2011/10/20

BILHETE DE IDENTIDADE MILITAR[1]

Fernanda Maria Costa[2]

2011/05/11

A MORTE DE BIN LADEN E O FUTURO DA AL QAEDA

Alexandre Reis Rodrigues

2011/05/09

ESTUDOS SOBRE O FUTURO DO FENÓMENO DA GUERRA

João Nunes Vicente[1]

2011/01/14

JOSÉ MOURINHO, UM PORTUGUÊS DE QUINHENTOS

João Brandão Ferreira

2010/12/27

A POLÍCIA QUE NÃO PODE PRENDER[1]

Paulo Pereira de Almeida[2]

2010/12/12

AINDA OS BLINDADOS E O PORQUÊ DAS COISAS

João José Brandão Ferreira

2010/07/12

FORÇAS ARMADAS: INÚTEIS OU INDISPENSÁVEIS?[1]

Paulo Pereira de Almeida[2]

2010/02/17

AFINAL O QUE É A PIRATARIA?

Eduardo Serra Brandão[1]

2010/01/24

A CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL, AS CAUSAS PROVÁVEIS – AS SOLUÇÕES POSSÍVEIS[1]

Eduardo Serra Brandão[2]

2009/07/07

O TGV E A DEFESA NACIONAL

João Brandão Ferreira

2008/12/10

CRIME ORGANIZADO E TERRORISMO NO SAHEL

José Vale Faria[1]

2008/10/10

OS TALIBÃS DE VOLTA A CABUL

Alexandre Reis Rodrigues

2008/09/27

TENDÊNCIAS DO TERRORISMO JIHADISTA, SETE ANOS APÓS O 11 DE SETEMBRO

José Vale Faria[1]

2008/06/29

O TERRORISMO NO PERU E A UNIÃO EUROPEIA

Marcelo Rech[1] (Brasil)

2008/06/26

SUBVERSÃO E CONTRA-SUBVERSÃO [1]

Francisco Proença Garcia[2]

2008/06/12

DIPLOMACIA ECONÔMICA: O QUE É? [1]

Daniela Siqueira Gomes[2]

2008/06/05

ISLAMISMO RADICAL E JIHADISMO EM MARROCOS (I PARTE)

José Vale Faria

2008/06/05

ISLAMISMO RADICAL E JIHADISMO EM MARROCOS (II PARTE)

José Vale Faria

2008/05/09

A AMEAÇA CINZENTA (II PARTE)[1]

José Vegar[2]

2008/05/08

A AMEAÇA CINZENTA (I PARTE)[1]

José Vegar[2]

2008/04/18

BEMPOSTA ON THE ROAD - UM CONCEITO DIPLOMÁTICO

Bruno Caldeira

2008/04/14

A IMAGEM DUALISTA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/27

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE II

José Vale Faria[1]

2008/03/26

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO – PARTE I

José Vale Faria[1]

2008/02/16

O QUE HÁ DE NOVO NA “INTELLIGENCE?”[1]

Francisco Proença Garcia[2]

2008/02/07

O TERRORISMO SUICIDA FEMININO: O CASO DOS TIGRES TAMIL

Daniela Siqueira Gomes [1]

2008/01/28

DUALIDADES GEOPOLÍTICAS E GEOESTRATÉGICAS PORTUGUESAS

João Brandão Ferreira

2008/01/07

NOVA ERA JIHADISTA NO MAGREBE[1]

José Augusto do Vale Faria[2]

2008/01/06

CRIMINALIDADE ORGANIZADA, TERRORISMO E INTELLIGENCE NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO[1]

Fernando Silva Chambel[2]

2007/12/22

ACORDEM PORTUGUESES!

João Brandão Ferreira

2007/12/10

SEGURANÇA: VISÃO GLOBAL. A PERSPECTIVA DAS INFORMAÇÕES[1]

Jorge Silva Carvalho

2007/10/08

DOCTRINA TÁCTICA E ESTRATÉGICA NA GESTÃO DA ACTIVIDADE OPERACIONAL: A SEGURANÇA PESSOAL[1]

Luís Ribeiro Carrilho[2]

2007/09/11

FARC: TERRORISMO, BRAVATAS E MUITO DINHEIRO

Marcelo Rech[1]

2007/08/23

PAQUISTÃO: ESCOLHAS DIFÍCEIS

Alexandre Reis Rodrigues

2007/08/13

A AJUDA PÚBLICA AO DESENVOLVIMENTO: RUMO À ERRADICAÇÃO DA POBREZA?

Daniela Siqueira Gomes

2007/07/31

IDENTIDADE E INDIVIDUALIDADE NACIONAL PORTUGUESA

João Brandão Ferreira

2007/07/29

A VERTENTE DE MANUTENÇÃO DA PAZ DA NATO: UMA DUPLICAÇÃO DO PAPEL DAS NAÇÕES UNIDAS?

Nélia Rosário Ribeiro

2007/07/18

O MARXISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/07/04

FASCISMO E NAZISMO

Pedro Conceição Carvalho

2007/07/04

TERRORISMO EM LONDRES: SERVIÇOS SECRETOS EM ALERTA[1]

Fábio Pereira Ribeiro[2]

2007/07/03

QUE FAZER COM O IRÃO?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/06/20

O SISTEMA INTEGRADO DE SEGURANÇA INTERNA (SISI) E A SUA ARTICULAÇÃO COM O SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA (SIRP)[1]

Jorge Silva Carvalho[2]

2007/06/15

SERVIÇOS SECRETOS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: FORÇAS DE BASTIDORES DA POLÍTICA INTERNACIONAL OU UM NOVO CAMPO DE ESTUDO PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS? [1]

Fábio Pereira Ribeiro[2]

2007/06/11

O DESPORTO COMO FACTOR POLÍTICO INTERNACIONAL[1]

Marcelo Rech[2]

2007/06/04

AS FORÇAS ARMADAS E OS “RECURSOS”. OS RECURSOS FINANCEIROS, OS NÚMEROS E O SEU SIGNIFICADO.

João Pires Neves[1]

2007/05/29

DEVEM OS CHEFES DE ESTADO MAIOR DECLARAR OS RENDIMENTOS?

João Brandão Ferreira

2007/05/29

OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES NO MUNDO ACTUAL[1]

Jorge Silva Carvalho[2]

2007/05/22

LIMITES À PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES NO ESTADO DE DIREITO DEMOCRÁTICO

Jorge Silva Carvalho

2007/05/19

A REGULAMENTAÇÃO DO SISTEMA DE INFORMAÇÕES DA REPÚBLICA PORTUGUESA – CONTINUAÇÃO DA REFORMA[2]

Jorge Silva Carvalho[1]

2007/05/18

GUERRA SUBVERSIVA NA WEB 2.0

Nuno Perry Gomes

2007/05/15

O CRESCIMENTO DA CHINA. AMEAÇA AO MUNDO?

Alexandre Reis Rodrigues

2007/05/11

BRASIL E O CINISMO DAS FARC[2]

Marcelo Rech[1]

2007/05/10

INTELIGÊNCIA E DEFESA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: IMPACTOS DO ÚLTIMO RELATÓRIO DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA PARA O BRASIL

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/05/02

SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA E A DEFESA DA NAÇÃO[2]

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/04/27

POLÍTICA DE DEFESA E INTELIGÊNCIA ESTRATÉGICA: PRIORIDADES PARA UM PAÍS COMO O BRASIL [1]

Fábio Pereira Ribeiro[2]

2007/04/26

O GRANDE DESAFIO DA DEFESA

Grupo de Trabalho do Instituto Humanismo e Desenvolvimento[1]

2007/04/25

AS FORÇAS ARMADAS E A ECONOMIA

Alípio Tomé Pinto[1]

2007/04/20

POLÍTICA DE DEFESA: INTERESSES NACIONAIS EM JOGO

Fábio Pereira Ribeiro[1]

2007/04/05

A ALMA DAS INSTITUIÇÕES

Alípio Tomé Pinto[1]

2007/02/24

COMO PODE SER CARACTERIZADA A ACÇÃO DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA (II PARTE)

Serrano, Custódio, Valente, Leal e Alves

2007/02/23

COMO PODE SER CARACTERIZADA A ACÇÃO DA AL QAEDA NA MATRIZ DA GUERRA SUBVERSIVA (I PARTE)

Serrano, Custódio, Valente, Leal e Alves

2007/02/10

O CERCO APERTA-SE

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/02/09

ESTRATÉGIA NACIONAL PARA O MAR: UMA QUESTÃO FULCRAL

José Castanho Paes

2007/02/07

O TERRORISMO TRANSNACIONAL – CONTRIBUTOS PARA O ENTENDIMENTO DA SUA ESTRUTURA, RECRUTAMENTO E FINANCIAMENTO. (II PARTE)

Francisco Proença Garcia

2007/02/06

O TERRORISMO TRANSNACIONAL – CONTRIBUTOS PARA O ENTENDIMENTO DA SUA ESTRUTURA, RECRUTAMENTO E FINANCIAMENTO. (I PARTE)

Francisco Proença Garcia[1]

2007/01/15

TERRORISMO[1]

Luís Sousa Leal

2006/12/03

ANTI-MILITARISMO PRIMÁRIO

José Castanho Paes [1]

2006/11/23

LAS GUERRAS QUE NOS VIENEN

Miguel Fernández y Fernández [1]

2006/10/26

O DIREITO À GUERRA JUSTA[2]

João Vicente[1]

2006/10/26

A GEOPOLÍTICA DE RATZEL, LA BLACHE E KJELLEN E O ECLODIR DA I GRANDE GUERRA

Hugo Palma[1]

2006/05/06

CICLO DE CONFERÊNCIAS «PORTUGAL E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS» - INFORMAÇÃO

Alexandre Reis Rodrigues

2006/05/04

OS VOOS SECRETOS E A TORTURA NAS PRISÕES DA CIA

Marcelo Rech[1]

2006/03/28

PARA UMA LEITURA ESTRATÉGICA DA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES LUSO-MAGREBINAS

João Brandão Ferreira

2006/03/27

O COMANDO SUPREMO DAS FORÇAS ARMADAS

António Borges de Carvalho

2006/03/19

A GUERRA DOS CARTOONS

Alexandre Reis Rodrigues

2006/02/25

DIREITOS HUMANOS: VIOLAÇÃO E GUERRA CIVIL

Marcelo Rech[1]

2006/02/19

AFINAL, HUNTINGTON TINHA RAZÃO? SE NÃO FOR O PARADIGMA DAS CIVILIZAÇÕES, ENTÃO QUAL É?

Eduardo Silvestre dos Santos

2006/02/07

A PAZ

João Brandão Ferreira

2006/02/05

GEOPOLÍTICA PÓS-MODERNA: REPENSAR A GEOPOLÍTICA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Eduardo Silvestre dos Santos

2006/01/09

FILOSOFAR É PRECISO

João Brandão Ferreira

2005/10/21

TERRORISMO. ALGUMAS NOTAS SOLTAS

Alexandre Reis Rodrigues

2005/09/09

A ACTUALIDADE DE FUKUYAMA E HUNTINGTON

Pedro Carvalho

2005/08/01

Os ATENTADOS DE LONDRES (III)

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/22

Os ATENTADOS DE LONDRES (II)

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/10

Os ATENTADOS EM LONDRES

Alexandre Reis Rodrigues

2005/01/27

O DOMÍNIO DAS AMEAÇAS GLOBAIS

João Vieira Borges

2005/01/11

As VITÓRIAS DA ALCAIDA

António Borges de Carvalho

2004/12/14

PORQUE É QUE O OCIDENTE ESTÁ A PERDER A GUERRA CONTRA O TERRORISMO

Alexandre Reis Rodrigues

2004/07/21

A IMPORTÂNCIA DE UMA DEFINIÇÃO DE TERRORISMO

Ana Manuel Ferreira Malheiro de Magalhães

2004/02/28

A GUERRA GLOBAL DOS EUA CONTRA O TERRORISMO

Alexandre Reis Rodrigues

2003/09/22

O NOVO TERRORISMO

ES